

CESARINY, MÁRIO. POESIA.
LISBOA: ASSÍRIO & ALVIM,
2017

Maria Lessa*

O volume *Poesia*, de Mário Cesariny, editado, prefaciado e anotado por Perfecto E. Cuadrado, lançado em Portugal em novembro de 2017 pela Assírio & Alvim, constitui uma reunião dos livros do autor publicados pela editora. Não se trata, portanto, de uma recolha da poesia *toda* ou *completa* do “homem-expedição” do Surrealismo português, ao contrário do que poderia esperar o leitor desavisado. Desde 1980 em parceria com o poeta, quando lançaram o livro *Primavera autónoma das estradas*, a editora pretende, antes, comemorar sua obra e lembrá-lo no aniversário de onze anos de seu falecimento.

Para louvar Mário Cesariny, Cuadrado, estudioso renomado do movimento artístico português e grande amigo do autor, opta por uma simplificação do trabalho de edição, em respeito sobretudo à ordenação e à revisão definitivas feitas pelo poeta até 2005, um ano antes de falecer, com 83 anos, em Lisboa. O

volume está organizado por data de publicação original dos livros-título, com *Manual de prestidigitação* (Lisboa: Contraponto, 1956), como seção inicial de *Poesia*. Deixando intactas as edições organizadas por Mário Cesariny lançadas pela Assírio & Alvim, incluem-se em cada livro subseções como, por exemplo, *Burlescas teóricas e sentimentais*, volume independente em 1972 (Lisboa: Editorial Presença) que, desde 1981, adquiriu o caráter de seção de *Manual de prestidigitação* (Lisboa: Assírio & Alvim), livro-título com a data de publicação original mais antiga sob responsabilidade da editora portuguesa.

Perfecto Cuadrado explica: a obra cesarinyana assenta sobre um princípio de livre-trânsito dos poemas e dos livros. Tal fato leva, frequentemente, à inclusão de obras inteiras dentro de outras. Caso semelhante é o de *Discurso sobre a reabilitação do real quotidiano*, o qual, publicado pela primeira vez em 1952, será igualmente transferido para o interior de *Manual de prestidigitação* a partir da edição de 1981. Da mesma maneira, *Poemas de Londres*, livro originalmente publicado em 1972 (*19 Projectos de Prémio Aldonso Ortigão seguidos de Poemas de Londres*. Lisboa: Livraria Quadrante), encontra-se, desde 1982, transposto para o livro *Pena capital*, cuja primeira edição data de 1957.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literatura Portuguesa) da UFRJ.

Nada tão característico de Cesariny quanto a inapreensibilidade – impossibilidade de compreensão total, totalizante e totalitária de sua obra. Como afirma Cuadrado, “lidar com a obra de Mário Cesariny equivale a penetrar e a se perder num labirinto de danças e mudanças de palavras, versos, fragmentos, poemas e até livros inteiros [...] que, mesmo encontrando afinal uma porta de saída, acabariam por fazer da edição um livro quase ilegível”. Visando a legibilidade do volume, são inteiramente reproduzidos *Manual de prestidigitação*, *Pena capital*, *Nobilíssima visão*, *A cidade queimada*, *Primavera autónoma das estradas* e *O Virgem Negra*, de acordo com suas edições definitivas saídas pela Assírio & Alvim, ordenados por data de lançamento original. A estes, segue-se uma seção intitulada “Outros poemas”, na qual se encontram poemas que já integraram os volumes incluídos em *Poesia* (2017), mas que foram, em algum momento, retirados das obras pelo autor. “Entre nós e as palavras, Mário (apresentação cordial)”, “Esta edição (ou seja, mais um aviso a tempo por causa do tempo)”, prefácio e pequena apresentação do volume escritos pelo organizador, além de uma vasta seção de notas do estudioso espanhol e de uma biografia do autor, por António Soares, vêm completar a edição em capa dura da qual nos olha um “Mário Sérgio”.

Apesar do esforço empregado na organização de *Poesia*, é curioso observar que a própria Assírio & Alvim publicou, recentemente, três dos sete livros presentes no volume. *O Virgem Negra* recebeu nova edição em 2015, *Primavera Autónoma das Estradas* e *Manual de Prestidigita-*

ção, em 2017 – exatamente o ano de lançamento de *Poesia*. A questão que fica é a necessidade – em termos de renovação da circulação da obra de Mário Cesariny – de uma edição que repete (integralmente) livros publicados em datas tão recentes. Para os novos leitores, abre-se um amplo e variado percurso por seus poemas. Para aqueles que já o admiram, pode representar uma oportunidade de adquirir uma “edição comemorativa”, bem como uma chance rara de travar contato com alguma visão de conjunto de sua obra. Surpreende, por exemplo, a quantidade de poemas dedicados a outros artistas portugueses e estrangeiros — perspectiva que é facilitada pela sua reunião em volume único.

Poesia poderia ser recordado apenas como mais uma edição especial a entrar no catálogo da Assírio & Alvim, não fossem as duas apresentações afetivas, a cuidadosa redação das notas finais que contribuem para a iluminação de algumas cenas da escrita de Cesariny e a extensa descrição biográfica que o encerra. Com suas palavras de abertura, Cuadrado presta “lembança, louvor e homenagem” à obra de um artista que nos mostra o poder de criação e de intervenção da palavra poética, tocada pelo amor e pela liberdade.

O caráter afetivo e amoroso com que Cuadrado descreve seu amigo-Mário-Cesariny no volume que comemora os onze anos de seu falecimento representa, certamente, um dos pontos altos da publicação. Nesse sentido, vale a pena recordar as belas palavras com que se encaminha para a conclusão de sua “apresentação cordial”: “Mário foi, antes de mais, um homem livre e luminoso que

cada dia inaugurava o dia na noite da caverna e que soube encontrar mil tempos para o verbo amar”. A essa descrição, segue-se uma intervenção *à la Cesariny* no poema “Exercício espiritual”, publicado em *Manual de prestidigitação*. Onde se lê, na versão original, “É preciso dizer candelabro em vez de dizer arcano / é preciso dizer Para Sempre em vez de dizer Agora / é preciso dizer O Dia em vez de dizer

Um Ano / é preciso dizer Maria em vez de dizer aurora”, encontram-se as palavras de Cuadrado, ditas “desde o amor, a saudade e o agradecimento pela sua luz”: “É preciso dizer **Mário** em vez de dizer Surrealismo / É preciso dizer **Mário** em vez de dizer Amor / É preciso dizer **Mário** em vez de dizer Liberdade / É preciso dizer **Mário** em vez de dizer Poesia / É preciso dizer **Mário** em vez de dizer Aurora”.